

O visto de Constantino

Peregrinação de um imigrante e da jornalista com vontade de ajudar

Sentado num banco de jardim rodeado de pombos. Constantino não teme a gripe das aves. Partilham consigo a refeição do dia. Pão com mortadela. Constantino gosta muito de *pizza*. Embora o que habitualmente come dependa de gostos alheios. Os dos clientes do supermercado onde Constantino pára entre as 18h30 e a 20h. Mesmo antes de retornar ao jardim para dormir ?entre a natureza?, como costuma desdramatizar a quem lho pergunta. Gostos alimentares nem sempre sensibilizados para a sua condição de sem-abrigo. Como o daquela bondosa senhora que lhe oferecera um quilo de atum em lata. Sem pensar que Constantino não possuía abre-latas. Nem onde guardar as sobras do repasto.

Constantino tem um apelido difícil. Shishkovskiy. É natural da Ucrânia e tem de renovar a autorização de permanência até ao dia 29 de Dezembro. A sua história não é original. Conta-se quase sem frases. Formação em engenharia de electrónica. Imigrou para Portugal. Empregou-se na construção civil. Caiu de um andaime. Ano e meio de hospitalização. Mazelas irreversíveis numa perna. Teve alta. Foi parar à rua. Conheceu outros imigrantes na mesma situação. Entregou-se ao álcool. Foi roubado. Afastou-se das ?más companhias?. Continua a beber para aquecer. Está sozinho. E a sua maior preocupação é renovar o visto. Depois arranjar um tecto.

Três meses a dormir na rua. O gosto pela natureza há muito cedeu ao frio do Inverno. Já dormiu em albergues mas a solução é sempre temporária. Cada utente só pode usufruir da cama por três dias consecutivos. Certa vez alguém lhe sugeriu que procurasse a Fundação para o Desenvolvimento Social do Porto, responsável pelo projecto Porto Feliz que entre outras coisas apoia os sem-abrigo. Constantino assim fez. A resposta na altura não foi animadora, mas pediram-lhe que lá voltasse. O seu ?processo?, diz, está nas mãos da técnica Paula. E é por ela que naquele dia decide começar. Mas antes, é necessário tomar um banho e mudar de roupa. Constantino abandona o banco a custo devido ao problema na perna e rumo ao centro da cidade. Usa os transportes públicos com uma senha oferecida. Primeira paragem: balneários públicos.

?Dantes vinha cá muita gente que morava nas Ilhas e não tinha água canalizada?, recorda a funcionária dos balneários. ?Agora não...? Higiene pessoal cuidada, Constantino já só pensa em Paula. E na promessa vaga de uma resolução para deixar a rua.

Fundação para o Desenvolvimento Social do Porto. À entrada está uma mesa com algumas brochuras, um telefone e um segurança. Constantino pergunta por Paula. ?A doutora Paula Barros está de baixa?, responde o segurança.

Constantino olha para o tecto. Talvez invoque a ajuda divina. ?Então não há outra pessoa com quem possamos falar??, decido intervir. ?A pessoa que a substitui está numa reunião?, informa o segurança. Insisto: ?E não há ninguém que não esteja em reunião e possa falar com este senhor?? O segurança desculpa-se, como se a culpa fosse dele. Pega no telefone e liga para ?cima? de onde lhe dizem que realmente ?estão todos em reunião?. ?Ele que volte amanhã de manhã!?, pede o segurança. Constantino apercebe-se que não falará com Paula. Da resignação vem a raiva num português atabalhado: ?*Amanhã? Eu não ter amanhã!!!?*

Sáímos. Rumo a um lugar onde possamos almoçar. São 16h. Entramos num *shopping* na Baixa do Porto. Constantino está calado. Cabisbaixo. Diz que há muito que deseja comer massa à Bolonhesa. ?*Não precisa ter carne, é mais barato, eu gostar muito é do molho!*? O prato vem para a mesa sem que lhe falte o ingrediente principal. De estômago cheio. O prato meio vazio. ?Não estou habituado a comer tanto...? Constantino deixa-se envolver pela decoração natalícia. Parece meditar. Mas é preciso arranjar um sítio onde possa passar a noite. No dia seguinte há muito para fazer. Voltar à Fundação para o Desenvolvimento Social do Porto da parte da manhã. Ir ao Centro de Emprego pedir uma declaração em como está lá inscrito, já trabalhou e fez descontos. Ir ao Centro Nacional de Apoio ao Imigrante. Há que definir prioridades. E o problema na perna dificulta a mobilidade possível: a pé.

Centro de Emprego. Nova mesa à entrada. Outro segurança: ?O que desejam?? Respondemos que queremos uma declaração. ?Primeiro andar, tiram uma senha e aguardam.? Subimos. Constantino olha os trocos que lhe sobraram do jantar da noite anterior. Comeu *pizza* no *shopping*. As últimas moedas vão para um café de máquina. 10h. Calha-nos o número 25. Esperamos. Sentados.

Duas horas depois chega a nossa vez. Do outro lado da secretária, uma funcionária pede os documentos a Constantino. Ele tira do bolso do casaco um livro de capa preta, ?Hinos de Louvores e Súplicas a Deus?, do seu meio tira o passaporte. E entrega-o como se de uma relíquia se tratasse. A funcionária recebe-o em mãos e comenta com o nariz torcido: ?Este passaporte está em muito mau estado... está todo molhado.? Constantino desculpa-se com um sorriso. Se o passaporte falasse... Abstemo-nos de explicações.

?O cartão do Instituto de Emprego e Formação Profissional?? Perdeu-se. Sem o número que deveria constar no cartão procurar algum vestígio de Constantino na base de dados do computador obrigará a muita ?boa vontade?.

Primeiro insere-se o número do passaporte. Nada. Depois o apelido esquisito de Constantino. Nada. ?Não encontro nada...?, impacienta-se a funcionária com olhos de quem nos quer por a andar. Constantino fixa o tecto. ?Tem o cartão de contribuinte?? Olho a funcionária descrente. Constantino abre o livro de Louvores. O cartão em si não tem. Mas tem uma fotocópia. Daí a funcionária retira um número. Insere-o no computador, deixa-o a pesquisar e de repente: ?Está aqui!? As suas preces desta vez foram ouvidas.

Encontrado registo de Constantino será necessário fazer um novo cartão e só depois nos passam a declaração. Fazemos o cartão. Mas para fazer o cartão há que preencher um formulário. ?Grau académico?? Constantino rejubila. ?Engenheiro Electromecânico.? A funcionária sorri e com os olhos postos no livro de Louvores desafia: ?O diploma tem aí?? Constantino não tem mais papéis.

Com simpatia, a funcionária explica a Constantino que deve ir ao Consulado da Ucrânia para que lhe sejam reconhecidas as suas habilitações académicas. Mas aconselha-o a primeiro pedir o reconhecimento do ensino secundário e só depois do superior. Constantino agradece e pergunta pela declaração. A funcionária hesita. ?Sem o comprovativo das habilitações...? Peço à funcionária que o inscreva com a habilitação que puder. Sai um 9º ano. Faz-se o cartão. Da impressora sai a declaração. Na despedida a funcionária ainda aconselha: ?Depois quando tiver o visto, volte cá, a ver se o podemos inscrever num curso...?

Sáímos do Centro de Emprego. 13h. O sol brilha. Mas não há esperança no olhar de Constantino. Comenta que tem de ir fazer a barba. Pergunto se quer continuar o périplo rumo ao Centro Nacional de Apoio ao Imigrante da parte da tarde. ?Sim, mas não com esta cara!? Lembro-me dos trocos que lhe vi na mão quando bebeu o café e deixo-lhe 10 euros para o almoço. Marcamos encontro para as 14h30 em frente à Igreja da Trindade. Constantino não apareceu.